

ESPECIAL SOCIEDADE ABERTA

Washington Alves / Reuters

Não interessa só criarmos novos produtos ou inovarmos, interessa que esses produtos sejam sustentados.



A esperança de podermos vir a ser diferentes e melhores

Como será 2014? Bem, será um ano comum, com 365 dias, 52 semanas e um dia, em que o dia se seguirá à noite! Em princípio, em tudo igual ao ano que estamos a terminar!

Mas não, o ano traz algumas especificidades que não acontecem sempre e entre elas, o irmos ter um campeonato do Mundo de Futebol, a realizar no Brasil, para gáudio popular. Em Portugal, todos ansiamos pelo fim do período de assistência externa a que temos estado sujeitos e que pensamos poder servir para repensarmos o que queremos e podemos ser.

A nível europeu, inicia-se o aguardado programa-quadro de investigação e inovação HORIZONTE 2020, onde depositamos



Elvira Fortunato

Professora Catedrática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa; Directora do I3N/CENIMAT; Membro da Comissão executiva do European Materials Research Society.

Reconhecida cientista na academia mundial pela sua invenção na área da electrónica transparente e do transistor de papel, integrou o grupo das 20 ideias mais brilhantes do planeta. Foi-lhe atribuída a maior bolsa de investigação europeia, no valor de dois milhões de euros.

muitas esperanças pois vão estar disponíveis mais de 15 mil milhões de euros para os primeiros dois anos num orçamento total que se eleva a cerca de 80 mil milhões de euros, onde se espera a excelência da investigação, a par de uma liderança industrial forte, capazes de responderem aos desafios sociais com que nos deparamos!

Em particular, em Portugal, na área específica da Ciência e Tecnologia, o que ambicionamos é que saibamos explorar todos os aspetos positivos do programa, e que são muitos, como seja o facto de podermos ter fundos estruturais regionais e nacionais a apoiarem projetos financiados diretamente pela Comissão Europeia, onde a aposta é claramente na área da Investigação e Desenvolvimento para a Inovação! Assim, mais e mais, a inves-

tigação se deve pautar pela sua utilidade para o mercado e não na Ciência por si mesma! Mas não interessa só criarmos novos produtos ou inovarmos, interessa que esses produtos sejam sustentados. Isto é, baseados em materiais suficientemente abundantes, amigos do ambiente e recicláveis e que se utilizem as menores quantidades possíveis desses mesmos materiais para se obterem as mesmas finalidades do produto ou sistema final! Claramente teremos uma mudança de paradigma no que fazemos e cremos, para bem da sustentabilidade do nosso planeta, onde as áreas nucleares de desenvolvimento, em todos os setores, serão sem sombra de dúvida as Nanotecnologias e os Materiais Avançados!

Em Portugal, também existem fortes expectativas de mudança de estratégia científica para o desenvolvimento e sustentabilidade económica, esperamos! Num País com um mercado interno reduzido e onde ainda estamos a consolidar a nossa curva de aprendizagem, temos de saber fazer escolhas, escolhas que nos possam catapultar como líderes do que criamos e que possamos transferir esse poder criador e inovador, para o mercado global, onde as pequenas e médias empresas e os empreendedores, serão peça fulcral para toda esta nova atitude que devemos ter.

2014 pode ser o marco da mudança em Portugal! Tendo nós tão poucos recursos financeiros e porque só nos resta ser competitivos no mercado global, temos de mudar na forma como entendemos que a Ciência deve ser feita! Para isso, deveremos concentrar os nossos esforços em áreas que sejam bandeiras da nossa criatividade e poder de inovação e portanto, nos possamos catapultar para líderes, não tanto do conhecimento, mas da exploração deste para fins concretos, capazes de satisfazerem uma necessidade de mercado e portanto gerarem riqueza económica e a criação de postos de trabalho. Parece um sacrilégio, mas não, o nosso caminho para a nossa sustentabilidade obriga-nos a ser realistas e portanto a ver nos nossos investigadores os dinamizadores para esta mudança de paradigma. Isto é, não ficarem tanto à espera como e onde o Estado os pode apoiar mas outro sim, como e onde estes podem ajudar a dinamizar o que se faz e quer para o País, captando verbas internacionais e aumentando as parcerias com a indústria, preferencialmente a nacional!

Se o Estado continuar a cana-

lizar recursos colossais para áreas onde o nosso poder criativo é claramente subalternizado face ao saber instalado, em termos internacionais, só nos resta dizer que passamos de novo ao lado de uma oportunidade de mostrarmos ambição, determinação e coragem no rumo que queremos para o nosso País, em termos do que esperamos da Ciência! Isto é, a Ciência terá de ser muito mais do que uma ferramenta de formação (exportadores de mestres e doutores?), terá de ser a mola motora para um desenvolvimento sustentado. É isso que ambicionamos e imaginamos para o futuro de Portugal!

Esta escolha é crítica e esperamos que 2014 nos proporcione esta visão estratégica. Para isso, devemos usar também a nossa imaginação, sustentada em dados concretos, que não busquem só a implementação das coisas que já existem, mas algo mais! Por exemplo, Portugal tem uma tradição secular na área da medicina tropical, fruto do seu passado. Por que não investir onde temos saber e apostar numa área de prevenção de doenças tropicais, usando meios de diagnóstico e terapia baratos que possam realmente democratizar a medicina, globalmente? Por que não apostar em áreas onde temos uma indústria pujante e onde pode haver valor acrescentado para os produtos que produzem e exportam, como sejam os casos dos têxteis, calçado, cortiça, cerâmica e indústria do papel? Mas com quê? Introduzindo nesses produtos funcionalidades baseadas nas competências desenvolvidas nacionalmente. Assim, esperamos que se criem plataformas nestas áreas críticas, onde a presença da indústria e empreendedores é fundamental, a par dos investigadores, que nunca deverão perder a sua ligação ao ensino, pois precisamos de ter docentes que saibam formar os nossos jovens nas novas áreas emergentes e com reconhecido mérito internacional.

Será que 2014 nos vai proporcionar esta mudança comportamental? Até onde o nosso espírito conservador nos impedirá de ambicionarmos tanto? ■

Este artigo foi escrito em co-autoria com Rodrigo Martins, professor catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa; diretor do Departamento de Ciência dos Materiais; Investigador coordenador do I3N/CENIMAT; Presidente do European Materials Research Society.

Os autores escrevem ao abrigo do novo acordo ortográfico.